

**Dunyas
eno
Unyaah**

O Rapto

Dunyas eno Unyaah

O Rapto

Shirley Santos

Edição I

Campinas - 2020

Copyright © 2020 by Shirley Santos

Diagramação	Shirley Santos
Revisão	Shirley Santos
Capa	Shirley Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica feita pelo Autor

S237d Santos, Shirley

Dunyas eno Unyaah – O Rapto/ Shirley Santos. – 1. ed. –
Campinas – SP – 2020. 144p.

ISBN: 978-65-00-12923-6

Esta obra é uma produção independente.

Copyright [2020] by Shirley Santos

Todos os direitos desta edição reservados à autora da obra
Literatura Brasileira; 2. Romance; 3. Fantasia

1. Título.

CDD: B869.93

CDU: 821.134.3(81)

DEDICATÓRIA

Em memória de minha adorável Mah que jamais será esquecida.

Também dedico essa obra a minha irmã do coração “Laine” que, mesmo longe, está sempre presente na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Um grande e especial agradecimento vai para meu marido “Flo” por sua paciência, seu apoio e as muitas dicas de como melhorar meu texto.

Agradeço imensamente os meus amigos de rede social “Carol”, “Fer”, “Mar”, “Mika”, “Thamy” e “Viny” que me apoiaram e me deram forças para continuar mesmo com tantas adversidades. Amo vocês!

"Lute com determinação, abrace a vida com paixão, perca com classe e vença com ousadia, porque o mundo pertence a quem se atreve e a vida é muito bela para ser insignificante."

Charles Chaplin

Índice

Capítulo 1	11
Capítulo 2	30
Capítulo 3	45
Capítulo 4	55
Capítulo 5	74
Capítulo 6	94
Capítulo 7	107
Capítulo 8	126
Capítulo 9	149
Capítulo 10	168

Capítulo 1

Os dedos das minhas mãos estão começando a endurecer, por causa deste frio congelante. Está ficando cada vez mais difícil segurar a minha espada e isso não é o mais grave. Essa maldita neve, que não para de cair, está transformando o campo de batalha num lamaçal. Esse barro misturado ao lago de sangue que estou pisando está fazendo a minha armadura pesar uma tonelada.

Não posso pensar nisso agora, tenho que me concentrar na batalha. Lá vem uma nova legião de soldados querendo matar a mim e os meus bravos compatriotas. Apesar do cansaço, sinto que tenho forças para matar mais mil homens, quanto aos outros, não sei quanto tempo mais resistirão.

O primeiro inimigo que vem correndo na minha direção está com a sua espada pronta para me cortar ao meio, porém detenho o seu golpe com o meu escudo no mesmo instante que corto uma das suas pernas, decepando-a. Ele cai em agonia, mas sua dor logo termina ao sentir a minha lâmina entrando na sua armadura como se fosse manteiga, acertando-lhe a carne e perfurando o seu coração.

Que delícia é a morte! É um prazer imenso ver esses bastardos turcos morrerem sob a minha espada. Acredito que o meu elmo deve estar cheio de sangue, pois posso sentir o sabor do líquido rubro de todos que já matei nos meus lábios. É tão saboroso que aumenta a minha sede por mais mortes consideravelmente.

Outros três guerreiros me cercam e já não tenho muito tempo de pensar, depois de tantas batalhas, faço tudo por instinto. Decepo os dois braços de um, em seguida, faço um giro de cento e oitenta graus decapitando o outro, ao mesmo tempo, protejo o meu corpo contra um golpe do terceiro com o meu escudo, depois enfio a minha espada na base da barriga deste rasgando o seu tronco de uma ponta a outra.

Nem me lembro do motivo dessa guerra. Não! Na verdade, lembro-me sim. É em nome do Criador. Foi em nome Dele que reivindicamos à terra do nascimento do seu filho, no entanto, perdemos feio. Agora, é em nome Dele que estou protegendo o meu reino, além de todo o ocidente, contra a invasão do Império Otomano.

Mas... espera... eu não sou esse guerreiro destemido. Sou uma garota! Subitamente, sinto o meu corpo flutuar e já não estou na batalha. Vejo a guerra de cima, o guerreiro que antes pensei ser eu, tira o seu elmo, posso ver os seus olhos e... Nossa! Estão vermelhos como sangue, além disso, está sorrindo como se realmente estivesse sentindo um prazer imenso.

Ele luta ferozmente contra vários inimigos, enfiando a sua lâmina nas entranhas deles. Vez ou outra, deixando ela dentro de um guerreiro ou outro, trocando-a por lanças no seu caminho, empalando as suas vítimas. Nossa! Estou perplexa com essa batalha devido à trilha de morte e sangue que é deixada pelo guerreiro de olhos vermelhos ao longo do caminho por onde passa.

Eis que tudo desaparece numa névoa escura. Quando ela dissipa, noto que estou flutuando sobre um edifício numa cidade grande. É noite, chuva cai torrencialmente me encharcando

completamente. Apesar da escuridão, consigo distinguir uma figura que parece ser a minha mãe no topo da construção.

Começo a aproximar-me dela, graças a vários relâmpagos que rasgão o céu de ponta a ponta por várias vezes seguidas, tenho a certeza de que é minha velha. Ela está chorando sobre o corpo de um homem e... Nossa! O rosto dele se assemelha bastante com o guerreiro que lutava agora a pouco, ele parece que está morrendo ou será que já está morto?

— Sara?! — ouço a minha mãe me chamar e bater na porta, no mesmo instante que o sonho se desfaz numa névoa escura — Acorda! Senão, você vai chegar atrasada!

Abro os olhos, me deparo com a claridade do novo dia que está começando a entrar pela janela do quarto. Esfrego as mãos no rosto, dou aquela espreguiçada. Que droga! Ainda estou com sono! Esses malditos sonhos de guerras sempre me deixam cansada e sonolenta. Fora isso, ainda tem essa imagem da minha velha, com esse guerreiro estranho, gravada na minha mente.

Sento na cama, dou uma olhada geral no meu quarto. Diversos livros numa prateleira ao lado da cama e, abaixo, a minha escrivaninha para estudar cheia de papéis, alguns cadernos e a minha mochila preta. Odeio ir para escola! Sou sempre excluída de tudo, sempre tenho que fazer sozinha os trabalhos escolares porque não me incluem em nenhum grupo. Vez ou outra, ouço piadinhas ao meu respeito, tudo por me acharem estranha. Pesando bem, sou bem estranha mesmo.

— Sara?! — a minha velha bate na porta outra vez.

— Tá! Já acordei! — falo alto.

— Anda logo! Vai chegar atrasada no seu primeiro dia na escola nova?!

— Já sei! — reviro os olhos.

Levanto da cama e apesar de não gostar, encaro o meu reflexo no espelho da porta do pequeno guarda-roupa branco. Tem razão das meninas não quererem fazer amizade comigo, senão fosse pelas minhas bochechas levemente rosadas, eu pareceria um fantasma com esse cabelo branco como leite e essas duas bolinhas de gude que são os meus olhos verde-claro que, às vezes, parecem azuis.

Visto-me, rapidamente, colocando uma camiseta de uma das minhas bandas favoritas, o Korn, calças jeans preta e o meu All Star da mesma cor da roupa. Arrumo a minha mochila colocando dois cadernos universitários, um estojo simples, além da camiseta branca da escola.

Penteio o meu cabelo deixando-o solto, como gosto. Olho novamente no espelho. Se o meu cabelo fosse preto, iriam dizer que sou EMO com essa franja grande cobrindo uma parte do meu rosto.

Queria poder mudar a cor do meu cabelo, mas a minha velha não deixa. Diz que pintar o cabelo é coisa de mulher mais velha e não para criança. Mais que droga! Não sou mais criança! Em vinte dias completarei dezesseis anos!

— O café está pronto, filha! — a ouço gritar da cozinha.

Dou um longo suspiro ainda olhando para o meu reflexo, depois vou para cozinha carregando a minha mochila, o meu celular preto e o meu headfone da mesma cor que o aparelho. Dou uma olhada na minha mãe que está de costas para mim, lavando algo na pia.

Ela é tão bonita com esse cabelo preto, cacheado e longo, parece o céu noturno de tão escuro que é. E o corpo... Ainda não

sei o porquê de ela continuar sozinha depois de eu ter nascido. Poderia ter o homem que quisesse, contudo, acredito que aconteceu algo entre ela e o meu pai.

A minha velha não gosta de falar no assunto, apenas disse que ele morreu um pouco antes do meu nascimento e toda vez que quero saber mais, fica nervosa, desconversa, fala sobre qualquer outra coisa.

— Ei! Por que está parada aí me olhando?! Já disse que vai se atrasar! — Ela me olha com os seus grandes olhos negros e um sorriso lindo nos lábios rubros como sangue. A sua pele é tão alva como o leite, eu poderia dizer que ela é a branca de neve dos contos de fada e apesar de ter quarenta anos nem parece.

— Não quero ir na escola. — sento na cadeira mais próxima, colocando a mochila no chão, o celular e o headfone coloco sobre a mesa, depois pego um dos copos que já estava ali — Sabe que as garotas não gostam de fazer amizade comigo.

— Quem sabe nessa nova escola você consegue fazer amigos. — Ela coloca a garrafa de café sobre a mesa que está completa com pães, geleia e leite.

A nossa vida não é de luxo, a minha mãe trabalha à noite como bartender. Nós nunca tivemos uma casa para chamar, realmente, de nossa porque estamos sempre nos mudando, já moramos em tantas cidades que até perdi a conta. Nesse momento, estamos morando em São Paulo.

A minha velha disse que já moramos aqui quando eu era bebê. O nosso apartamento alugado é simples, com dois quartos, um banheiro minúsculo, uma pequena sala e uma cozinha americana. Não temos muitos móveis, somente o necessário.

— Tive aquele pesadelo de novo. — coloco o café no copo.

— Qual deles? Você sempre tem pesadelos. — Ela senta de frente para mim.

— Aquele que você aparece chorando abraçada a um homem que nunca vi. Ele parece que está morto ou morrendo.

— Hum!? é só um sonho, filha. — desvia o seu olhar para a janela.

— Mas, ultimamente, está ficando cada vez mais nítido, tanto que ele se parece com um dos guerreiros que sempre aparece nos meus sonhos. — bebo metade do café antes de continuar — Também estou tendo esse sonho com mais frequência.

— Não se preocupe, é apenas um sonho. Agora, come logo para não se atrasar. — Ela pega um pão e começa a passar geleia nele.

Tomo o restante do café puro, logo depois sigo para o banheiro para terminar de me arrumar. Volto para a sala, coloco a mochila nas costas e pego o meu “skate” com desenho de caveira mexicana que sempre deixo atrás da porta de entrada.

— Ei! Você não vai comer nada? — pergunta com uma cara de poucos amigos.

— Não estou com fome. — respondo colocando o headfone.

— Sabe que não gosto que você saia de casa sem comer alguma coisa!

— Tá! Realmente estou sem fome. De qualquer maneira, estou levando dinheiro para o caso de ter vontade de comer algo.

— Ok! Não fique até tarde na rua! Sabe que estamos numa cidade muito perigosa.

— Sei disso, Maria. — reviro os olhos, dou um longo suspiro pegando o meu celular — Você sabe que quando saio da escola sempre venho direto pra casa.

— Maria? Já te disse para não me chamar assim! Agora, quem sabe se você fizer algum amigo, queira ficar até mais tarde na rua, por isso não chegue aqui depois que eu sair para o trabalho.

— Tá, mãe! — reviro os olhos novamente.

Essa é a Dona Maria Ribeiro, minha mãe. Está sempre otimista, sempre preocupada, sempre linda. Nunca tivemos grandes discussões porque ela é muito amorosa e preocupada com o meu bem-estar. Na verdade, constantemente fica preocupada por eu não ter amigos, mas ela entende, já que nos mudamos com grande frequência. Nunca entendi o motivo disso e todas às vezes, antes de nos mudarmos, fala que o lugar onde estamos não serve mais para ter uma vida tranquila.

Coloco para tocar no celular a música “Slept so Long” do grupo Korn logo após fechar a porta e sigo para o elevador.

Ao chegar à rua, percebo que o dia está bem nublado. Aposto que a minha velha vai aproveitar para fazer compras no mercado, pois ela nunca sai de casa quando está sol, até parece que tem medo dele. Coloco o meu “skate” no chão e começo a andar pelo bairro na direção da escola.

Moramos num bairro chamado Lapa que é bastante movimentado com várias avenidas com o trânsito carregado, mas também tem algumas ruas mais tranquilas. A nossa é uma dessas mais calmas e a escola não fica muito distante.

O problema de se começar numa nova escola é entrar com o ano letivo já em movimento. Como estamos no primeiro dia útil do mês de maio de dois mil e dezesseis, já se passaram três meses

desde que as aulas começaram. Isso quer dizer que vai ser mais difícil tentar fazer amigos, se bem que essa tarefa nunca se realizou em qualquer momento do ano.

Ao chegar perto, percebo que já está repleta de adolescentes risonhos na frente do muro e da entrada. Como sempre acontece no primeiro dia de escola nova, sinto alguns olhares curiosos e outros de extrema arrogância pra cima de mim. Droga! Por que isso acontece? Não sou alienígena! Antes de parar em frente ao portão, noto uma árvore do outro lado da rua não muito distante da entrada, é exatamente para onde sigo, assim posso aguardar com mais tranquilidade a “prisão” abrir as suas portas.

Um garoto afrodescendente, cabelo bem curto, que está junto de uma turma perto do portão, está me encarando e isso me deixa nervosa. Os garotos normalmente passam longe de mim, por isso ainda sou “boca virgem”. Como pode uma coisa dessas? Dezesesseis anos na cara e ainda sou B.V., mas também, quem é que vai gostar de uma garota como eu, magricela, sem qualquer atrativo e, ainda por cima, albina.

O garoto se aproxima, isso faz com que eu perceba que ele é tão alto quanto um jogador de basquete, por isso tenho que levantar um pouco a cabeça para olhar nos seus olhos e... Nossa! Que olhos lindos! Parecem duas jabuticabas! Tiro o meu headfone quando ele abre um leve sorriso e fala algo:

— Como? — pergunto.

— Eu disse “oi”! Aluna nova, não é?!

— Sim. — *“É claro que sou aluna nova, seu doido! Por acaso já tinha me visto aqui antes?”*, poderia dizer essas palavras, mas contenho-me.

— O meu nome é Júlio. Qual é o seu? — questiona ainda sorrindo.

— Sara.

— Já sabe qual é a sua sala?

— A Minha mãe disse que é o 2.º ano B.

— Ah! Que legal! É a minha sala! — Ele abre mais o sorriso e... Nossa! Que sorriso lindo! — Vou te mostrar tudo, te apresentar para alguns alunos, mas não se preocupe se não fizer amigos logo de cara porque até comigo, foi um pouco difícil me enturmar.

— Beleza! — mostro um leve sorriso.

O portão é aberto e a molecada começa a adentrar as entranhas do prédio.

— Vamos evitar o tumulto por enquanto. — diz se virando para olhar o pessoal entrando, em seguida, volta a sua atenção para mim e abre novamente um grande sorriso — Vejo que é roqueira e esqueitista.

— Sim. — murmuro coçando a cabeça. “*Você é mesmo um gênio!*”, reflito.

— Mas, você trouxe a camiseta da escola? Eles são muito chatos quanto a isso! — levanta uma sobrancelha e o seu sorriso se desfaz.

— Trouxe. — tiro a mochila das costas, pego a minha camiseta, após vesti-la por cima da outra, agarro o meu “skate” e coloco a mochila em um dos ombros — Vamos entrar?

— Sim! Venha!

Ele pega a minha mão livre e me puxa na direção do portão. O que quer? Nenhum garoto pegou a minha mão antes! Acho esse Júlio muito estranho e... bonito. Balanço a minha

cabeça para esquecer o meu pensamento e, assim, preparar-me para o que está por vir.

Ao entrar, percebo que a escola é bem grande. O Júlio me leva por um corredor largo e comprido onde ficam as salas de aula, depois passamos por um pátio em forma de um quadrado com vários bancos de concreto. Em seguida, passamos por um segundo prédio onde ficam os banheiros, um pequeno palco para apresentações, a cozinha e o refeitório.

O Júlio me leva até a quadra de esportes que é coberta, depois voltamos por outro prédio que ele diz ser onde fica a biblioteca, a sala dos professores, da direção e a secretaria. Todos os locais possuem aparência de velhos, gastos e com várias pichações da molecada, inclusive com palavrões, mas o que poderia se esperar de uma escola pública no Brasil?

Por todos os locais que passamos, ele cumprimenta um ou outro garoto, além de algumas garotas. Pelo jeito é popular. Ainda continua segurando a minha mão e isso já está me incomodando. Não quero ser grosseira, mas... “Será que dá pra largar a minha mão, cara!”, reflito, porém, não faço nada.

Só me larga quando, finalmente, entramos na sala de aula. Ele cumprimenta dois garotos e duas meninas, em seguida me apresenta:

— Galera, essa é a Sara!

Uma menina loira platinada de olhos castanhos, traços finos, está lixando uma das suas garras. Olha para mim com desdém, depois volta a fazer o mesmo de antes apenas dizendo “oi”.

— Não liga pra ela, Sara! A Bianca é sempre assim! Só se interessa por suas unhas e a sua beleza. — diz a outra garota com